

Empoderamento

Instituição paraense aposta na capacitação de seus atendidos para alterar o cenário desfavorável em que se inserem

Trabalhar com grupos sociais desassistidos, promovendo a sustentabilidade e fortalecendo a comunidade para que ela seja capaz de tomar suas próprias decisões. Assim é o trabalho do Instituto Peabiru, com sede em Belém/PA. Há 15 anos a organização vem atendendo a comunidades rurais tradicionais na Amazônia.

O Instituto Peabiru tem como missão valorizar a diversidade cultural e ambiental, além de apoiar processos de transformação social na Amazônia. E foi a partir da necessidade de transmitir conhecimentos estratégicos sobre o ambiente para a população de Curuçá, município do estado do Pará, que a instituição criou o projeto Meu Mangue - Educação e Ambiente. Com essa proposta, o Instituto Peabiru é uma das 103 instituições apoiadas pelo Programa Criança Esperança 2014.



Rafael Araujo

As ações realizadas pelo Instituto Peabiru visam a transmitir conhecimentos estratégicos relacionados à educação ambiental aos atendidos

que transforma

O projeto

As ações do projeto Meu Mangue - Educação e Ambiente têm como objetivo transmitir conhecimentos estratégicos relacionados à educação ambiental a jovens do ensino médio e seus professores do município de Curuçá, que fica em uma região conhecida como Salgado Paraense. Para o diretor do Instituto Peabiru, João Meirelles, “o interessante é ir um pouco além do que é debatido na sala de aula e tratar do lixo, do mangue, da questão da água, do desmatamento e seu impacto ambiental e social. São temáticas práticas, mas que estão ao mesmo tempo relacionadas ao próprio ensino formal dos alunos.”

Desde 2007, nas diversas iniciativas do Instituto Peabiru, mais de 400 alunos, principalmente do ensino médio, já foram capacitados através do projeto. João Meirelles relata o impacto que ele causa nos participantes: “As pessoas começam a ser mais ativas,

e levam isso para dentro de casa. Algumas começam a olhar a oportunidade de desenvolver suas atividades na própria região”, conta, ressaltando que houve ainda uma valorização maior dos pescadores locais pelos participantes do projeto, além de um impacto positivo na autoestima dos envolvidos. “Vemos que esse esforço tem que ser contínuo. E por isso o nosso interesse em não parar o processo, que nós chamamos de *formação de agentes ambientais*”, completa.

Durante o ano de 2014, serão formados cem jovens, em quatro turmas de 25 alunos. Para formar esses multiplicadores, o Instituto vai trabalhar com professores da rede pública da cidade e de municípios vizinhos, dentro da temática *educação ambiental*.

Criança Esperança

João Meirelles conta que o projeto foi patrocinado por dois ciclos pelo edital público da Petro-

bras, o Petrobras Ambiental, e agora recebe, pela segunda vez, o apoio do Criança Esperança. Segundo ele, esse auxílio vem garantir a continuidade de uma ação importante, no caso, a educação ambiental no município. “Ele vai permitir a continuidade de uma ação que nós realizamos nos últimos sete anos.”

Além disso, outro benefício proporcionado é a visibilidade que o programa Criança Esperança oferece à instituição. “Em qualquer lugar, as pessoas sabem o que é a Rede Globo, a UNESCO e o que é o Criança Esperança. Isso facilita explicar a importância do projeto.”

Em 2014, o recurso financeiro oferecido pelo Criança Esperança será destinado à aquisição de materiais para atividades e uniformes, além de financiar as despesas com transporte e alimentação para os alunos e, principalmente, a equipe de educadores do projeto.

O Instituto aborda temáticas relacionadas a questões ambientais e socioeconômicas, na busca pelo fortalecimento da comunidade



Biodiversidade

História

O Instituto Peabiru foi fundado em 1998. A sede da instituição, que começou em São Paulo, foi transferida para Belém cinco anos mais tarde. As ações desempenhadas pela instituição estão relacionadas à Amazônia, especificamente à Amazônia Oriental (Pará, Amapá e Maranhão). A organização trabalha no atendimento de comunidades rurais tradicionais, com ênfase na inclusão de jovens e mulheres. De acordo com João Meirelles, a importância do trabalho realizado pelo Instituto Peabiru com quilombolas e ribeirinhos se dá pelo fato de esses serem os grupos sociais mais desassistidos da região.

O Instituto Peabiru aborda, em suas ações, temáticas relacionadas a questões ambientais e socioeconômicas. Fazem parte das discussões da instituição pautas como a

conservação da água, a proteção da biodiversidade, o equilíbrio climático global, a mobilização social e os direitos básicos. “O olhar do Instituto Peabiru é especialmente o social, o socioambiental, porque as pessoas dependem do meio ambiente, dos recursos naturais, da própria biodiversidade”, explica João Meirelles.

Ele conta que, no geral, a instituição é procurada pela comunidade ou convidada por algum órgão público. A comunidade é quem define a agenda de ações a serem desenvolvidas. Ele esclarece ainda que a agenda não reflete propriamente as necessidades mais urgentes, mas sim as mais transformadoras e que podem efetivamente melhorar a qualidade de vida da comunidade, proporcionando um novo posicionamento daquelas famílias em relação a situação econômica, geração de renda, emprego.

“Para alcançar esse objetivo, sempre tem uma negociação, uma preparação, às vezes até bastante longa”, revela.

Os projetos realizados pelo Instituto Peabiru acontecem em quatro territórios. Uma das regiões é o Salgado Paraense, localizado no litoral próximo a Belém. As atividades são desenvolvidas principalmente no município de Curuçá. No Amapá é realizado o atendimento aos quilombolas, através da geração de renda proporcionada pelo mel de abelhas nativas.

Outra área atendida é a região paraense reconhecida nacionalmente pela produção do óleo de palma, ou azeite de dendê, onde estão localizados os municípios de Tailândia e Moju, que recebem atividades do Instituto Peabiru.

A organização também atende ao Marajó, que, segundo João



Rafael Araujo



Rafael Araujo

Meirelles, é a área de maior intensidade de projetos com a agricultura familiar, compreendendo assistência técnica rural, acordos de pesca, cadeia de valor do açaí e da andiroba. O diretor ainda argumenta: “Olhando o território como um todo, o Marajó é uma região muito grande; portanto, os trabalhos são desenvolvidos tanto com um olhar mais local quanto no conjunto.”

O Instituto Peabiru busca fortalecer a comunidade para que ela seja capaz de fazer suas próprias escolhas e traçar suas metas, não se tornando dependente do trabalho da instituição, que será sempre temporário, como relata o diretor.

Setor privado e captação de recursos

O Instituto Peabiru caracteriza-se pela busca constante do envolvi-

mento do setor privado. “No caso da Amazônia, os esforços são direcionados para a participação das grandes empresas, porque nós acreditamos que elas podem ter uma capacidade de transformação muito grande. Sabemos que elas têm um forte impacto, porém, se atuarem de uma forma não paternalista, não assistencialista, podem ter um efeito transformador muito significativo”, explica o diretor. Desde o início de suas atividades, o Instituto Peabiru já trabalhou com empresas como Natura, Alcoa, Vale e Agropalma.

Ainda assim, Meirelles conta que a captação de recursos para as atividades do Instituto continua sendo um desafio. Pensando em maneiras de lutar contra isso, a instituição busca diferentes fontes, para não depender de uma única. O Instituto vem cada vez mais trabalhando em ações que

desenvolvem sua própria capacidade de captação de verbas. Para ele, todos precisam estar empenhados em fazer essas ações darem certo. “Do voluntário ao diretor, todos são captadores. Não é uma tarefa delegada a uma pessoa. O próprio comunitário da associação também é um captador.”

Desafios e futuro

Nas atividades cotidianas, o Instituto Peabiru depara-se com o desafio de imaginar seus projetos de forma viável. O diretor diz que a escassez de recursos interfere diretamente na execução tanto das pequenas quanto das grandes iniciativas. “Às vezes, temos pretensões maiores, mas as limitações de recursos e de pessoas não permitem alcançar um público maior”, conta, elencando ainda outro desafio enfrentado pela instituição. “É fundamental



Divulgação

monitorar o seu próprio desempenho, o impacto, se há transformação. Porque não adianta apenas realizar o que está previsto. É realmente preciso ver se estamos mudando aquilo que nós imaginávamos mudar.”

Atualmente, o Instituto Peabiru está em um processo de consolidação como instituição e busca maior capacidade de autonomia para ter um impacto maior nos territórios prioritários. João Meirelles diz que o grande desafio das ONGs é fazer com que esses pequenos projetos realizados em uma escala-piloto possam virar política pública ou consigam ser absorvidos e transformados localmente, de uma maneira que o município os perpetue, dando continuidade a eles.

O resultado do trabalho feito pelo Instituto Peabiru já é visível. Maria Liliana da Silva Rodrigues, 39 anos, estudante de biologia e sócia da Associação dos Meliponicultores de Curuçá (Asmelc) relata que acompanha o trabalho do Instituto desde 2007. Segundo ela, frutos positivos foram colhidos desde então, e as benesses se refletem nas comunidades. “Conheço pessoas, por exemplo, que participaram dos cursos promovidos pelo Peabiru e que mudaram a forma de ver a natureza. Essa mudança já foi suficiente para criarmos associações ligadas à questão ambiental, com atividades de conscientização e proteção do meio ambiente”, conta ela, ressaltando que as ações criaram um sentimento de cumplicidade nos moradores, que se tornaram multiplicadores de boas ações. As famílias se envolvem e agradecem quando são convidadas para participar de algum curso. “Valorizo muito o trabalho do Instituto Peabiru, por desenvolver ações com o tema da biodiversidade”, finaliza. ■



Divulgação

Atividades e oficinas realizadas pelo Instituto Peabiru



Rafael Araujo